As Vidas exemplares de Teófilo Braga

Urbano Bettencourt

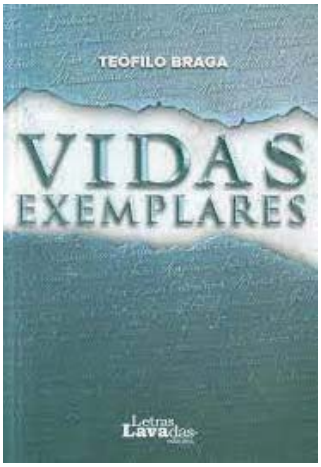
Podemos começar pela espécie de linhagem em que um título destes de forma quase imediata acaba por situar o livro e os seus conteúdos. Com efeito, a *exemplaridade* reclamada para os percursos de vida aqui trazidos ao leitor não deixa de convocar outras obras, mesmo que em registos diferenciados e em contextos históricos muito heterogéneos e peculiares.

Numa perspectiva meramente cronológica, a mais próxima de nós será os *Contos Exemplares*, de Sophia de Mello Breyner, um livro de 1962 cujas histórias propõem *modelos* nem sempre transmitidos por via directa e imediata; um deles («Mónica») propõe, em registo satírico, um contra-exemplo que só a «leitura oblíqua» exigida pela sátira permitirá descodificar devidamente. Ora, o livro de Sophia reclama, por sua vez, uma filiação em Cervantes e nas suas *Novelas Ejemplares* (1613), que, de acordo com a opinião do censor eclesiástico da altura, «ensinam com os seus exemplos a fugir de vícios e a seguir virtudes»; aliás, o próprio autor escreveu que «não havia nenhuma de que não se pudesse tirar algum exemplo proveitoso».

Essa linhagem de que se falava no início encontra ainda outra referência nos *Contos e histórias de proveito e exemplo* (1575), de Gonçalo Fernandes Trancoso, escritos durante a peste de 1569 e com um valor pessoal terapêutico e catártico, para fugir aos tristes pensamentos «em que a imaginação se ia cada dia metendo», em virtude da morte de familiares.

Ora, é por essa dimensão moralizadora da escrita, pelo seu intuito de fornecer *exemplos* de que o eventual leitor possa retirar *proveito*, ensinamentos úteis para um comportamento baseado em valores, que essas três obras partilham um domínio comum, ressalvando, no entanto, a diversidade dos traços epocais e os procedimentos discursivos.

E é também por essa natureza de *exemplaridade* adiantada pelo título que o livro de Teófilo Braga poderá suportar uma aproximação às referidas obras: o que as narrativas aqui reunidas trazem ao leitor são modelos de vida e de comportamento de homens e mulheres que decidiram empenhar-se pessoalmente numa causa útil ao bem comum ou simplesmente cumprir a sua missão quotidiana como o máximo de rigor e dedicação. Mas há, todavia, um elemento a separar de forma inultrapassável as *Vidas Exemplares* das obras de Cervantes, Trancoso e Sophia: o facto de se tratar de biografias, narrativas de natureza factual focadas em existências históricas, situadas num contexto temporal e social bem delimitado. Se às ficções basta a plausibilidade dos seus acontecimentos e, da parte do leitor, a «suspensão voluntária da descrença» para que delas se possa colher uma *lição*, no caso da biografia a situação é de outra natureza, dada a sua condição de narrativa ancorada no real, de factos verificáveis e *significativos* no contexto de uma comunidade, seja ela



à pequena ou à grande escala, nacional ou local. Sendo assim, um conjunto de pequenas biografias como este que Teófilo Braga reuniu no seu livro não deixa de representar as afinidades e o ponto de vista do autor, ao reconhecer aos biografados uma intervenção de relevo em áreas de notória importância social; nalguns casos mesmo, o autor refere expressamente a sua proximidade com a pessoa biografada, assumindo o grau de subjectividade que também pode existir nas escolhas feitas.

São trinta e cinco os perfis reunidos em *Vidas Exemplares* e à conta de textos provenientes na sua esmagadora maioria do *Correio dos Açores*, além de um ou outro publicado no jornal A Batalha ou, então, lido em alguns momentos de intervenção pública. Registe-se, no entanto, a existência de diferentes *medidas* para cada um desses perfis, em virtude do espaço fixo e regulado que a Teófilo Braga é concedido no *Correio dos Açores* e à necessidade de aprofundar o conhecimento sobre personalidades que não caberiam numa única edição; se, em regra, cada uma delas é tratada num só texto, noutros casos a abrangência e a complexidade de aspectos a considerar implicaram um conjunto de abordagens distribuídas por várias edições.

Ao comentar a noção vigente de «herói» (que poderia aproximar-se neste caso, de «figura exemplar»), Teófilo Braga insurge-se contra o facto de, por norma, entre «as grandes personagens da nossa história, recente ou passada, quase só [figurar] gente de "sangue azul", membros do clero ou doutores e engenheiros. Aos que não nasceram em berço de ouro, aos que não tiveram a possibilidade de frequentar seminários nem universidades, aos que não lhes deram a facilidade de fazer provas em dias santos ou santificados ou aos que não aproveitaram as facilidades bolonhesas para conseguir equivalências imorais, resta-lhes o papel de servir de carne de canhão, em tempo e guerra e não só, ou de colocar um papelinho dobrado em quatro naquilo a que chamam urna.» (p. 149). Ora, o *programa* e o projecto de Teófilo Braga vão em sentido oposto ao da corrente ou, melhor dizendo, fazem contrabalançar os dois pólos, sem excluir nem obliterar o papel das referidas elites, mas contrapondo-lhes a intervenção social de outros que no respectivo campo de acção deixaram o rasto da sua passagem em prol da comunidade em que se integravam.

O caso de Antero pode oferecer algumas indicações sobre o *modo de operar* de Teófilo Braga, desde já pela abordagem de várias das suas facetas de pensamento e acção, apoiando-se também noutros testemunhos sobre o poeta. Além disso, Antero é de longe o mais reconhecido autor incluído em *Vidas Exemplares* e o de maior projecção e intervenção a nível nacional; mesmo assim, Teófilo Braga achou por bem ocupar-se de «aspectos da sua vida menos conhecidos», trazendo-os a um público comum e afastado do acesso às grandes questões filosóficas e políticas do poeta. Por último ainda, dentro de uma perspectiva de largo alcance de *exemplaridade*, a presença de Antero não impede a de outras figuras de alcance mais reduzido, antes convive com elas – tanto as que, tendo conhecido alguma projecção nacional, passam (quase) ao lado do conhecimento açoriano, como outras que merecem a atenção do autor pelo papel que desempenharam no interior da limitada circunscrição familiar e local. E não podemos deixar de ver tudo isso como um extensivo e democrático ponto de vista acerca do conceito de *exemplaridade*.

Um dos nomes que Teófilo Braga resgata para a memória interna é o de Aurélio Quintanilha, talvez de maior projecção no exterior do que no meio insular. Cientista nascido na Terceira e com um percurso de investigador internacionalmente reconhecido, no âmbito da biologia e da genética, banido da carreira académica pelo salazarismo «e desviado pelo seu país para a simples e utilitária pesquisa de fibras têxteis», como escreveu o seu «amigo fraterno» Vitorino Nemésio ao dedicar-lhe, em página inteira, o livro de poemas *Limite de Idade* (1972) – um texto pouco habitual no género dedicatório e por certo mais próximo do *curriculum vitae*, o que atesta uma vez mais o «dizer subtil» do poeta e exige, por outro lado, uma leitura inteligente.

Mas é principalmente no domínio interno que se concentram os textos de Teófilo Braga, isto é, os de quem exerceu a sua actividade no arquipélago, aí distinguindo aqueles nomes que, sendo publicamente referenciados, não representam para o comum dos cidadãos mais do que isso mesmo, sem outra realidade para lá do próprio nome; também aqueles que foram entrando no olvido colectivo pela acção do tempo ou, em último lugar, aqueles que pura e simplesmente são desconhecidos dos próprios conterrâneos. E ainda aqui importa referir o modo como algumas dessas personalidades, mesmo tendo nascido fora dos Açores, fizeram deles a sua casa e neles cumpriram o seu desígnio pessoal, sem que o pormenor de nascimento tivesse constituído um obstáculo à realização dos seus projectos, quase se diluindo essa circunstância no modo como hoje os integrámos no nosso património comum – vejam-se, entre outros e a mero título de exemplo, os casos de Alice Moderno, João de Melo Abreu ou Dalberto Pombo.

Mais do que individualizar pessoas, dado o risco de valorizar umas em detrimento de outras, interessará sobretudo referenciar alguns campos de acção identificados em *Vidas Exemplares:* o da educação e ensino (vistos como base da emancipação individual e colectiva), aí incluída a formação cívica e religiosa; o do empresariado industrial e comercial; o jornalismo como profissão ou suporte da acção política; o sindicalismo e a luta operária; a batalha pelos direitos das mulheres; a defesa do ambiente, do bem-estar animal e da natureza; a intervenção na área da botânica e da geologia, enquanto meios de conhecimento e preservação do meio envolvente. Em todos eles encontramos contributos para uma sociedade mais humana, vindos da parte de homens e mulheres que acrescentaram à sua actividade profissional o «algo mais», voluntarioso e empenhado, que permitiu o progresso social, por vezes de modo mais visível, outras de forma discreta e de menor impacto público. Para recorrer a exemplos, basta referir a criação da Sociedade Micaelense Protectora dos Animais e da Sociedade Protectora dos Animais de Angra do Heroísmo e, no outro polo, o caso (para mim) surpreendente mas emblemático de Maximiliana de Deus Sousa, a mulher pertencente a uma família que não ultrapassaria a escolaridade obrigatória e cuja cozinha se transformava, no final dos anos sessenta, no «centro de estudos» onde os jovens se reuniam para estudar ou realizar trabalhos de casa.

Prolongando de forma consistente os textos vindos a lume na imprensa, dando-lhes uma visibilidade mais duradoira que nos jornais, *Vidas Exemplares* resultam de um projecto pessoal de investigação e posterior divulgação e cumprem o acto cívico de trazer ao conhecimento público nomes que de uma forma ou de outra intervieram deliberadamente sobre o nosso passado para que pudéssemos encontrá-lo em melhor estado do que eles o receberam. E não deixam de assumir uma dimensão didáctica e pedagógica pelo facto de, não se limitando ao dado histórico, proporem uma série de valores que podem ainda constituir um incentivo e fornecer modelos cívicos a destinatários em geral e em particular àqueles que se encontram em tempo e faixa etária de aprendizagem da cidadania.

Teófilo Braga, *Vidas Exemplares*. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 2020.